

## Fernando Pessoa e as máscaras

por Cronista convidado 25 Março, 2021 em Crónicas



Durante a pandemia de covid-19, o uso de máscaras revelou-se uma medida eficaz para prevenir a transmissão da doença da doença. Ultimamente têm passado por nós, na rua, máscaras de todos os materiais, formas, cores e feitios. Contudo, as máscaras nem sempre serviram o propósito de proteger o rosto, ocultando a expressão. No teatro da Antiguidade, além de sublinharem as feições das personagens em palco, faziam ressoar a voz do ator pela plateia, destacando a sua representação. O próprio Fernando Pessoa declarava, em carta a Adolfo Casais Monteiro: “o que sou essencialmente — por trás das máscaras involuntárias do poeta (...) — é dramaturgo”. Nesse sentido, os heterónimos foram as máscaras que permitiram projetar a obra de Pessoa, “plural como o universo”, até aos nossos dias.

Neste contexto, Fernando Pessoa dificilmente encontraria melhor apelido. O seu nome próprio foi atribuído em homenagem ao santo do dia em que nasceu que, tendo Fernando como nome de batismo, mais tarde o trocava por António. O apelido Pessoa, herdado do pai, deriva, etimologicamente, do termo latino ‘persona’ que, na Antiguidade, designava as máscaras utilizadas, no teatro, pelos atores.

Deste modo, no “dia triunfal” da sua vida, o seu “drama em gente” subiu ao palco da sua cómoda alta, no “teatro íntimo do ser”. George Steiner, em *As Artes do Sentido*, destaca que “é raro um país e uma língua ganharem num só dia quatro poetas maiores.” Nesse dia, segundo o poeta, foi o que supostamente aconteceu. Fernando Pessoa multiplicou-se em vários, fragmentou-se em outros, sendo a soma das partes maior do que o todo. Atrás de cada máscara existe uma fisionomia própria, uma personalidade distinta, uma biografia original, um estilo ímpar. Estas máscaras conferiam identidade a cada rosto, isto é, a cada obra poética.

Alberto Caeiro, o Guardador de Rebanhos, foi a primeira máscara a entrar em cena. Era louro e de olhos azuis. Tendo apenas a instrução primária, não trabalhava, vivendo de um



pequeno rendimento. Com uma linguagem espontânea e objetiva, recusa qualquer metafísica. É o “Descobridor da Natureza”, o “Argonauta das sensações verdadeiras”, o poeta das árvores, das flores, das ervas, dos rios e das pedras.

Seguidamente, Fernando Pessoa regressou a si próprio. Era um homem de perfil esguio, rosto oblongo e bigode triangular. Usava pequenos óculos redondos, chapéu de feltro e gabardina, quase sempre. Trabalhava como correspondente estrangeiro em casas comerciais. Era frequentador assíduo dos cafés da Baixa lisboeta, entre os quais, *A Brasileira* e o *Martinho da Arcada*. “O poeta é um fingidor” — a poesia do Pessoa ortónimo procura exprimir intelectualmente as emoções, revelando um conflito permanente entre o pensar e o sentir. A dor de pensar e a fragmentação do eu são temas recorrentes na sua obra.

Depois de redigidos os poemas de *Chuva Oblíqua*, outra máscara surgiu — o heterónimo Ricardo Reis, moreno e “um pouco mais baixo, mais forte e seco que Caeiro”. Médico de formação, exilou-se voluntariamente no Brasil, por ser monárquico. Nos seus poemas, procura seguir os modelos da Antiguidade Clássica, na sua solenidade marmórea. O seu epicurismo triste busca, em vão, uma aceitação da finitude da vida.

Por último, entrou em cena Álvaro de Campos, de cabelo liso, apartado ao lado e usa monóculo. Estudou engenharia na Escócia. É o poeta da modernidade, da civilização e da técnica, dos “maquinismos em fúria” que pretende “sentir tudo de todas as maneiras.”

As suas máscaras, porém, não ficariam por aqui: o Barão de Teive, António Mora ou Raphael Baldaya são apenas alguns exemplos, além de Bernardo Soares, autor do célebre *Livro do Desassossego* que, por ser um semi-heterónimo, é apenas meia-máscara, tal como Alexander Search, autor de inúmeros poemas em língua inglesa, entre os quais *Day of Sun*, que se tornou um êxito na voz do cantor Salvador Sobral.

Importa sublinhar que os heterónimos não são alter-egos ou pseudónimos. “O autor não esconde um mesmo texto sob nomes diferentes: ele é vários autores apenas e na medida em que é vários textos” (Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado*). Estas máscaras oferecem a Fernando Pessoa a possibilidade de criar sujeitos poéticos que não ele-mesmo.

Em vida, Fernando Pessoa publicou apenas um livro de poemas em português (Mensagem), além da sua colaboração em revistas literárias de vanguarda, com destaque para *Orpheu*. Hoje em dia, é sobretudo lembrado pela genialidade das suas criações heteronímicas. Quando a sua vida se extinguiu, a representação chegou ao fim, a cortina desceu. Os aplausos viriam apenas mais tarde, depois de desconfinadas as máscaras, da arca onde guardava os seus poemas.

Crónica de Carlos Lemos

*O Carlos é Médico e assistente convidado da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa*